

A nova urbanização dependente  
no capitalismo rentista-neoextrativista

Copyright © Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e Nelson Diniz, 2025

doi.org/10.56257/lcbk.978-65-5252-128-6

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem  
os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Dos autores

PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim

CAPA Tiago Soares

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

N825

A nova urbanização dependente no capitalismo rentista-neoextrativista / organização Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, Nelson Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2025.  
840 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-128-6

1. Urbanização - Brasil. 2. Planejamento urbano. 3. Capitalismo. 4. Estado e política urbana - Brasil. I. Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz. II. Diniz, Nelson.

25-96687.0

CDD: 307.76

CDU: 711(81):330.342



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

07/03/2025 12/03/2025

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES

Av. Pedro Calmon, 550, sala 537, Ilha do Fundão  
Cep 21941-901 Rio de Janeiro, Brasil  
karol@observatoriodasmetropoles.net  
www.observatoriodasmetropoles.net.br

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465

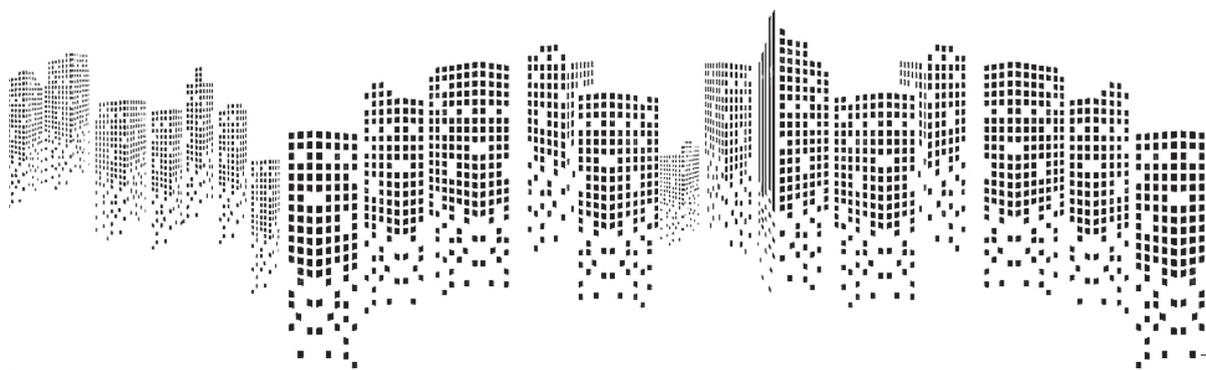
www.letracapital.com.br

978-65-5252-128-6

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro  
Nelson Diniz  
Organizadores

A nova urbanização  
dependente no capitalismo  
rentista-neoextrativista

LETRCAPITAL





## CONSELHO EDITORIAL

### *SÉRIE LETRA CAPITAL ACADÊMICA*

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)  
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)  
João Luiz Pereira Domingues (UFF)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Lina Boff (PUC-Rio)  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)  
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)



**E**sta coletânea não teria sido possível se não estivesse amparada em anos de pesquisas, empíricas e teóricas, desenvolvidas no **INCT Observatório das Metrôpoles**, no âmbito do qual funciona, ao menos desde 2015, o **Grupo de Pesquisa Metrôpole, Estado e Capital**, constituído para promover e aprofundar reflexões teóricas e analíticas sobre as mudanças na ordem urbano-regional do capitalismo brasileiro.

A coletânea reúne textos inéditos e outros recém-publicados, escritos tanto pelos integrantes do grupo quanto por autores e autoras com quem mantivemos interlocução acadêmica nos últimos anos. Essa interlocução, que envolveu pesquisadores e pesquisadoras de dentro e de fora do Observatório das Metrôpoles, desdobrou-se, entre 2023 e 2024, numa dinâmica sistemática de seminários *online*, nos quais os capítulos foram amplamente debatidos e mesmo reelaborados de acordo com a concepção geral do projeto<sup>1</sup>. Ou seja, o leitor e a leitora têm em mãos, efetivamente, uma obra coletiva, articulada pelas questões e propósitos iniciais e expressando um longo processo de diálogo crítico.

Além disso, cumpre mencionar que esta publicação e o projeto do qual decorre foram financiados pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro: FAPERJ INCT Processo 200.964/2018; FAPERJ Programa “Pesquisador Visitante (PVE) – 2022” (Processo SEI-260003/002310/2022); FAPERJ Programa “Cientista do nosso Estado – 2022” (Processo SEI-260003/007036/2022). Também foram financiados pelo CNPQ – Conselho Nacional de Desen-

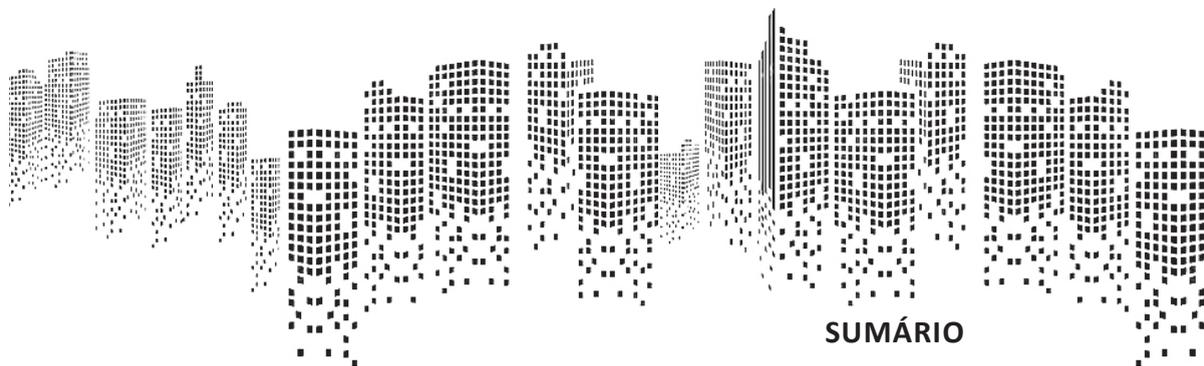
---

<sup>1</sup> Os registros das interações entre os autores e as autoras participantes do projeto, além de outros materiais, como notas de reflexão, memórias, sugestões de conteúdos etc., estão disponíveis em: <https://sites.google.com/view/anovaurbanizacaodependente>.

volvimento Científico e Tecnológico: CNPQ INCT Processo 424922/2021-5; CNPQ Bolsa Produtividade Processo (PQ) 309243/2019-0.

Agradecemos, portanto, à FAPERJ e ao CNPq, pelo apoio financeiro, aos pesquisadores e pesquisadoras do Observatório das Metrôpoles, pela inspiração, e aos autores e autoras que participaram do projeto, pela oportunidade da reflexão coletiva.





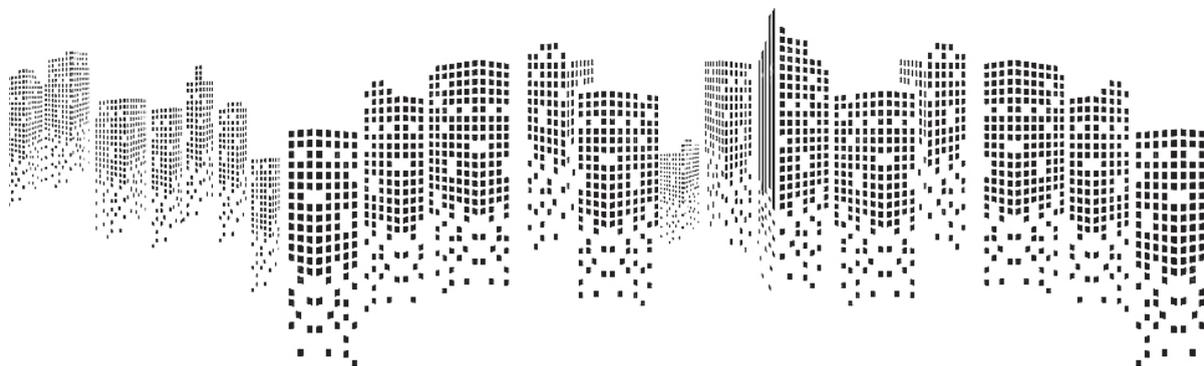
## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	17
<i>Neil Brenner</i>	
<b>Prefácio</b> .....	19
<i>Carlos Eduardo Martins</i>	
<b>Dependência e ordem urbana no século XXI: em busca de um marco teórico</b> .....	29
<i>Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro</i>	
<i>Nelson Diniz</i>	
<b>Parte 1. A nova urbanização dependente: aportes teóricos e perspectivas de análise</b> .....	63
Capítulo 1. Revisitando a dependência: relações de troca, dependência 4.0 e o caso do Brasil .....	65
<i>Leda Maria Paulani</i>	
Capítulo 2. Uma crítica das operações extrativistas do capital: para um conceito ampliado de extrativismo .....	95
<i>Verónica Gago</i>	
<i>Sandro Mezzadra</i>	
Capítulo 3. MetrÓpole, Estado e Capital na dependência rentista-neoextrativista: para entender a ordem urbana antinação.....	119
<i>Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro</i>	
<i>Igor Pouchain Matela</i>	
<i>Nelson Diniz</i>	
Capítulo 4. Capitalismo(s) na terceira década do século XXI: estruturas e conjunturas da expropriação, exploração e extração na produção do espaço.....	153
<i>Carlos Brandão</i>	

Capítulo 5. Dependência e produção do espaço no Brasil .....	175
<i>Igor Pouchain Matela</i>	
<b>Parte 2. Dinâmicas demográficas, econômicas e imobiliárias na nova urbanização dependente .....</b>	<b>205</b>
Capítulo 6. Novo regime demográfico e nova dependência: que relações? .....	207
<i>Érica Tavares</i>	
<i>Guilherme Vasconcelos Pereira</i>	
<i>Ana Beatriz Xavier</i>	
Capítulo 7. Desindustrialização nas metrópoles brasileiras .....	237
<i>Marcelo Gomes Ribeiro</i>	
Capítulo 8. O circuito imobiliário na América Latina: dependência, neoliberalismo e ditadura no Chile .....	263
<i>Vitor Hugo Tonin</i>	
Capítulo 9. Os agentes da construção civil, do mercado imobiliário e das finanças rumo a um campo ampliado da financeirização urbana nas cidades “fora do radar” .....	301
<i>Lúcia Zanin Shimbo</i>	
Capítulo 10. Capitalismo dependente e produção social do espaço na cidade do Rio de Janeiro: possíveis transformações na “sagrada aliança” .....	323
<i>Erick Omena</i>	
<i>Breno Serodio</i>	
<i>Utanaan Reis Barbosa Filho</i>	
<i>Lucas Gregório</i>	
<b>Parte 3. Dependência e aglomerações neoextrativistas .....</b>	<b>355</b>
Capítulo 11. Agronegócio e urbanização dependente no Brasil .....	357
<i>Denise Elias</i>	

Capítulo 12. Grandes investimentos, dependência e conflitos socioespaciais no território petrolífero: o Estado do Rio de Janeiro .....	385
<i>José Luis Vianna da Cruz</i>	
<i>Joseane Souza</i>	
<i>Denise Cunha Tavares Terra</i>	
Capítulo 13. A Hidrovia Paraguai-Paraná na geopolítica global: dependência, produção do espaço e a retomada dos Estados Unidos da infraestrutura regional crítica sul-americana .....	417
<i>Martin Scarpacci</i>	
Capítulo 14. Neoextrativismo e hegemonia: o investimento social privado nos territórios minerados da Região Metropolitana de Belo Horizonte.....	441
<i>Junia Ferrari</i>	
<i>Renato Barbosa Fontes</i>	
<i>Léa Guimarães Souki</i>	
<b>Parte 4. Dependência e urbanização logística.....</b>	<b>465</b>
Capítulo 15. Costurando a cidade: crise do capital, urbanização logística e entregadores de aplicativo.....	467
<i>Bruno Siqueira Fernandes</i>	
<i>Alessandro Peregalli</i>	
<i>Thiago Canettieri</i>	
Capítulo 16. As cidades dos galpões: expressões da dependência no processo de urbanização logística.....	497
<i>Pedro Paulo Gonçalves</i>	
<i>Nelson Diniz</i>	
Capítulo 17. Cidades portuárias em tempos de urbanização logística: o caso de Santos .....	517
<i>Tânia Maria Ramos de Godoi Diniz</i>	
<i>Helton Saragor de Souza</i>	
<i>Marina Ferrari de Barros</i>	
<i>Terezinha de Fátima Rodrigues</i>	

Capítulo 18. Finanças, infraestrutura e o espaço nacional: da integração produtiva à desintegração neoeextrativista da nação.....	543
<i>Alexandre Mitsuro da Silveira Yassu</i>	
<i>Jeroen Johannes Klink</i>	
<b>Parte 5. A nova urbanização dependente: conflitos, atores e alternativas .....</b>	<b>569</b>
Capítulo 19. Superexploração do trabalho e espoliação urbana 4.0: o caso da Uber Moto na cidade do Rio de Janeiro.....	571
<i>Paulo Roberto Monssores</i>	
<i>Nelson Diniz</i>	
Capítulo 20. Cidades inteligentes... e rebeldes? Pensando alternativas ao neoliberalismo urbano para o Brasil.....	601
<i>Dante Chiavareto Pezzin</i>	
Capítulo 21. Trabalho, extrativismo e as novas disputas pelo espaço urbano.....	625
Gilberto Cunha Franca	
Capítulo 22. Movimentos sociais e a luta pela ocupação social dos territórios periféricos: os casos de São Paulo, Bogotá e Buenos Aires .....	649
<i>Dennis de Oliveira</i>	
<i>Fabiana Felix do Amaral e Silva</i>	
Capítulo 23. Descolonizar o urbano, insurreição nas periferias: notas de pesquisa .....	681
<i>Rita Velloso</i>	
Capítulo 24. A crise da democracia, os projetos políticos e a reconstrução democrática do Brasil: elementos de avaliação e estratégia .....	709
<i>Luciano Fedozzi</i>	
<b>Sobre os autores.....</b>	<b>735</b>
<b>Notas .....</b>	<b>741</b>
<b>Referências.....</b>	<b>775</b>



## LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Características fundamentais do processo de urbanização dependente na América Latina dos anos 1960-1970 (segundo Manuel Castells) .....	35
Formas do rentismo contemporâneo .....	41
Despesas com Bal. Rendas exceto ordenados x PIB – índice 1980=100 .....	93
Sucessão de formas históricas da dependência segundo Leda Paulani.....	130
Tempo médio de espera (minutos) .....	140
Tempo médio de viagem (minutos) .....	140
Taxa de desocupação no Brasil (2012-primeiro trimestre de 2023).....	141
Índice de vulnerabilidade social e risco ambiental (IVSRA).....	143
Distribuição percentual de domicílios por condição de Segurança Alimentar e dos níveis de Insegurança Alimentar e número dos moradores por estas condições .....	144
Estimativa Preliminar para o Balanço de Pagamentos do Brasil (1876-1897) (Em milhares de libras).....	189
Concentração das empresas de plataforma por país e localização das cidades onde essas empresas foram identificadas .....	201
Padrões de produção do espaço no Brasil e formas históricas da dependência.....	204
Transição urbana e novo regime demográfico no Brasil – 1920/2020 .....	220

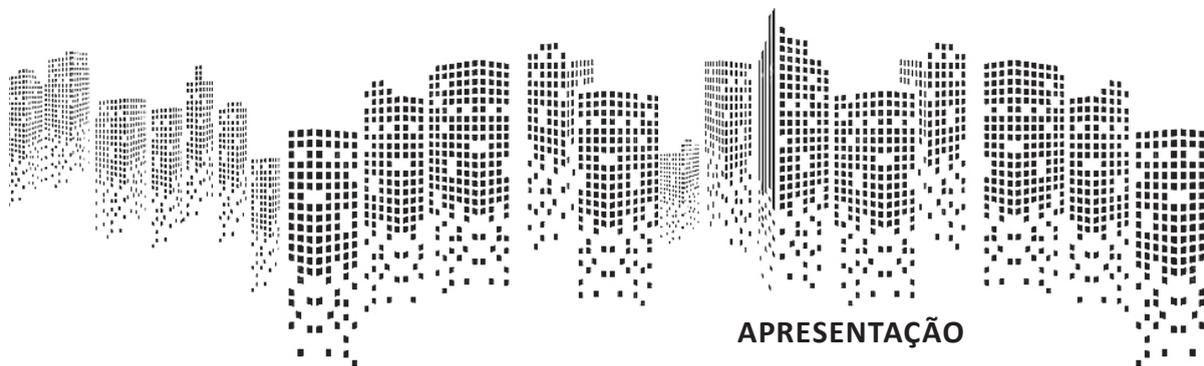
Varição percentual (%) da população por nível territorial (2010-2022).....	225
Evolução da participação (%) no total populacional do país por nível territorial (2000-2022) .....	226
Varição percentual (%) da população por nível territorial (1991-2022).....	227
Varição percentual (%) da população segundo estrutura etária (2010-2022) e porte populacional (2022) por nível territorial .....	228
Regiões do extrativismo no Brasil – regiões imediatas selecionadas.....	233
Participação do VAB do setor industrial sobre o PIB das principais regiões metropolitanas e do Brasil e participação do VAB industrial das principais regiões metropolitanas no VAB industrial do Brasil – 2002 a 2020 (em %).....	247
Participação do VAB setorial da indústria no PIB brasileiro – 2002 a 2020 (em %).....	248
Participação do VAB da indústria de transformação no PIB, participação do VTI na indústria de transformação no PIB e participação do VAB da indústria de transformação no VTI da indústria de transformação do Brasil – 2007 a 2020 (em %).....	249
VTI da indústria de transformação, a preços constantes – Brasil e principais regiões metropolitanas – 2007 a 2020 .....	250
Participação do VTI das principais regiões metropolitanas em relação ao VTI do Brasil e variação real do VTI entre 2007 e 2019, segundo o Nível de Intensidade Tecnológica e a Divisão CNAE 2.0 da Indústria de Transformação – 2007 e 2019 (em %).....	254
Participação da região metropolitana por nível de intensidade tecnológica no VTI no conjunto das principais regiões metropolitanas do Brasil (2007 e 2019) e diferença da participação entre 2019 e 2007 (em %).....	257

Licenças de edificação no Chile, em m², 1982-2018. ....	274
Sínteses das transformações ocorridas no primeiro ciclo do circuito imobiliário.....	287
Síntese das transformações ocorridas no segundo período do circuito imobiliário.....	296
Quadro analítico proposto.....	305
Principais características das estratégias espaciais e resultados socioespaciais relacionados com a excessiva construção de habitações. ....	307
Atores, estratégias e instrumentos presentes na dimensão política. ....	311
Atores, estratégias e instrumentos na dimensão financeira. ....	314
Atores, estratégias e instrumentos presentes na dimensão da produção. ....	318
Taxa de Juros – Selic.....	344
Ofertas Primárias e Secundárias Registradas na CVM, em R\$ bilhões.....	344
Participação de CRIs e FIIs nas Ofertas Primárias e Secundárias Registradas na CVM.....	344
Crescimento das remessas de lucro para o exterior por setores. ....	345
Operações Interligadas aprovadas pelo Reviver Centro até abril de 2024, com base nas informações do Relatório mensal do programa e da base de CNPJs da Receita Federal (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2024). ....	350
Estado do Rio de Janeiro e suas mesorregiões.....	391
Grandes empresas e participação no mercado mundial.....	393
Participação das regiões do mundo no PIB mundial (em %). ....	396
Mapa dos Investimentos em Transporte, do Plano Nacional de Logística-PNL 2025.....	398

Evolução das transferências de royalties e participações especiais (em mil reais) da produção petrolífera para os municípios do NF Seleccionados.....	401
Grandes investimentos em logística portuária no ERJ, operando e em realização.....	403
População e Taxa de Crescimento Médio Anual do Brasil, ERJ e Municípios Seleccionados do NF (2000-2022) .....	406
Estoque de Emprego Formal (CLT) .....	411
Hidrovia Paraguai-Paraná com profundidades navegáveis atuais.....	422
Cronologia da concessão do trecho argentino da Hidrovia Paraná-Paraguai. ....	426
Mapa de localização do vetor sudeste no Quadrilátero Ferrífero.....	444
OSC's por faixas do ano de criação no Brasil .....	449
OSC's ativas em 2016, por região e década de criação (%).....	450
Diretrizes e Princípios recorrentes entre as mineradoras.....	453
Volume de vendas no e-commerce brasileiro em milhões de vendas.....	499
Total de empregados formalmente – 2012-2020 em milhares.....	508
Centro de distribuição da Amazon em Tijuana, México. ....	513
Comparativo da ocupação dos lotes na região central de Santos entre 1945 (preto) e 2014 (verde) .....	532
Evolução das áreas de permissão de usos impactantes (vermelho), zonas portuárias delimitadas (hachura preta) e uso residencial de padrão popular/econômico de acabamento e padrão fino/luxo .....	533
Variação de preços das <i>commodities</i> (1995-2023).....	544
Corredores logísticos estratégicos de exportação .....	553
Taxa de crescimento da produção anual de Soja no Brasil, da demanda chinesa e da área plantada.....	556

Variação do número e valores de contratos de PPP's e concessões de infraestruturas no Brasil.....	558
Síntese das transformações da coalizão desintegradora neoextrativista.....	566
Taxa de informalidade da população ocupada, por UFs (%) – 1º trimestre de 2024 .....	586
Renda Média na Região Metropolitana e na cidade do Rio de Janeiro.....	592
Peso da tarifa do transporte público na renda da população da Região Metropolitana e da Cidade do Rio de Janeiro (%) .....	593
Principais empresas do mercado de “cidades inteligentes” no mundo (por setor em 2024).....	609
Tipologia das estratégias anticapitalistas de Erik Olin Wright (2019).....	615
Endividamento das famílias brasileiras.....	641
População preta e parda.....	660
Remuneração média mensal.....	661
Dialética dos conflitos periféricos .....	665
Buenos Aires distritos econômicos .....	667
Formas de organização política dos territórios periféricos: o caso do grupo La Boca Resiste Propone .....	669
Mapa Bogotá .....	672
Mapa da favela do Morro do Cantagalo preparado pelo IBGE para uso dos recenseadores.....	681





NEIL BRENNER<sup>1</sup>

A forma capitalista de urbanização depende não apenas do crescimento das cidades, mas também das relações imperialistas de extração que canalizam matéria, energia e trabalho de regiões periféricas para centros metropolitanos. A ordem urbana do capitalismo global, assim, sustenta-se em sistemas de dependência, subordinação e troca ecológica desigual, mediados pela violência estatal, que direcionam fluxos de valor através dos territórios para sustentar a reprodução do capital.

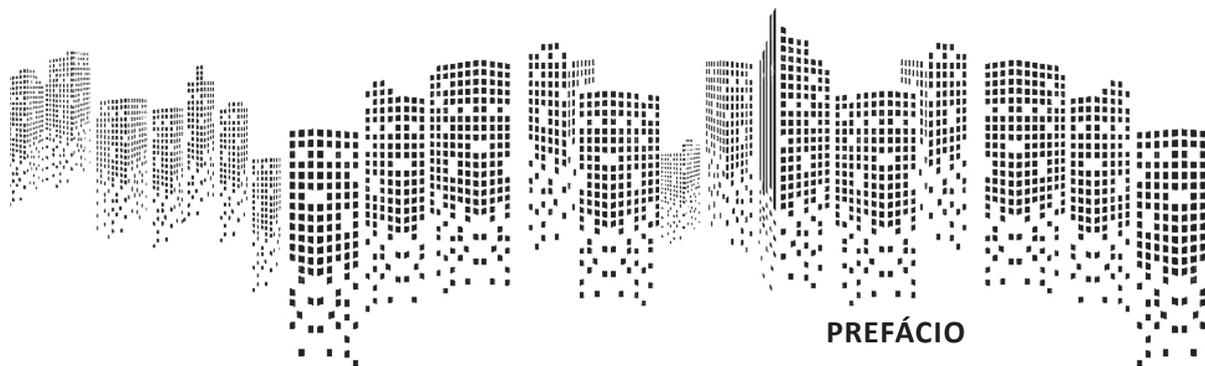
Este livro abrangente, teoricamente ambicioso e profundamente pesquisado ilumina de maneira vigorosa tais dinâmicas no Brasil contemporâneo, onde o tecido urbano capitalista continua a ser profundamente moldado por dinâmicas extrativistas e agroindustriais, acompanhadas de sucessivas ondas de mega-investimentos em configurações infraestruturais colossais. Uma obra colaborativa brilhante que exemplifica com força o rigor teórico, a capacidade analítica, a amplitude empírica e a visão emancipatória dos estudos urbanos radicais contemporâneos no Brasil.

---

<sup>1</sup> Professor Lucy Flower de Sociologia Urbana | Presidente do Comitê de Meio Ambiente, Geografia e Urbanização (CEGU) | Departamento de Sociologia e Comitê de Meio Ambiente, Geografia e Urbanização | Universidade de Chicago 1126 E. 59th Street, Chicago, IL 60637 EUA.

Página pessoal <https://chicago.academia.edu/NeilBrenner>.





PREFÁCIO

# Origens, história e balanço da teoria marxista da dependência no século XXI

CARLOS EDUARDO MARTINS<sup>1</sup>

Testemunhamos, no século XXI, o renascimento do interesse pela teoria da dependência, particularmente em sua versão marxista. É o que podemos notar, por exemplo, quando estamos diante de uma obra como esta, que busca identificar e analisar os nexos contemporâneos entre dependência e urbanização. Mas, afinal de contas, o que é a teoria marxista da dependência e como ela pode ajudar a compreender os dilemas do nosso tempo?

A teoria marxista da dependência (TMD) foi formulada nos anos 1960, impulsionada pelas crises do nacional-desenvolvimentismo e do padrão de desenvolvimento dependente-associado e pela Revolução Cubana. Ela colocou em xeque as teorias cepalinas, as teorias da modernização formuladas nos centros imperialistas, e as interpretações e estratégias dos partidos comunistas para a América Latina alinhados à União Soviética. Renovou as análises de nossa formação social e as teorias do imperialismo, chocando-se com as interpretações esquemáticas e dogmáticas do marxismo, contribuindo decisivamente para revigorar sua matriz revolucionária e dialética. A TMD não é apenas uma teoria regional, capaz somente de reinterpretar as análises de classes na

---

<sup>1</sup> Professor Associado do IRID e do PEPI (UFRJ), pesquisador do CLACSO, editor de Reoriente: estudos sobre marxismo, dependência e desenvolvimento.

América Latina, mas possui alcance mais amplo para uma reinterpretação global do capitalismo. A economia mundial é a geoespacialidade de constituição e desenvolvimento do capitalismo, através dela é que este maximiza os seus lucros extraordinários. A compreensão de um segmento relevante que a constitui, como as formações sociais dependentes, leva à reinterpretação de sua totalidade, que se estabelece pelo avanço da análise sobre a interação dialética entre suas partes. A economia mundial é não apenas uma realidade estritamente econômica, mas parte estratégica de um sistema de poder que articula dimensões sociais, políticas, econômicas, ideológicas e geoespaciais.

A mais destacada contribuição da TMD é a análise de classes das sociedades latino-americanas e periféricas, constitutivas do que Lenin já chamava de Estados semicoloniais ou países dependentes, mas esta implicou na redefinição da teoria do imperialismo. O autor russo os caracterizou como detentores de independência política formal, mas subordinados economicamente e diplomaticamente ao capital financeiro. A TMD apontou que, ao contrário do que supunha Lenin, esses Estados tornaram-se a regra e não a exceção nas periferias da economia mundial. Analisou a reestruturação do imperialismo no pós-guerra destacando as transformações da divisão internacional do trabalho, o papel central das corporações transnacionais e da liderança das frações industriais do grande capital sobre as financeiras. Theotonio dos Santos apontou o controle dos Estados Unidos sobre a revolução científico-técnica, que se iniciava, como chave para a sua liderança na economia mundial. Ruy Mauro Marini retomou as análises de Marx a respeito dos efeitos do comércio exterior sobre a tendência decrescente da taxa de lucro e indicou o papel da economia exportadora da América Latina e dos países periféricos neste processo. A definição do imperialismo como política colonial do capital financeiro e predomínio do rentismo e da fração bancária sobre a industrial deu lugar a outra que o vinculou à liderança produtiva e científico-tecnológica na divisão internacional do trabalho e ao estabelecimento de uma situação de compromisso entre as frações do grande capital dos países centrais e a dos países dependentes, que substituiu a anexação política como norma. A

tendência ao parasitismo vista por Lenin nos países imperialistas não era absoluta e a dinamização do capitalismo na periferia dependente não a lançava para os centros da economia mundial, mantendo sua posição subordinada em uma divisão internacional do trabalho dinâmica. Posteriormente, Giovanni Arrighi, inspirado pela TMD, construiu sua teoria dos ciclos de hegemonia vinculando-os a períodos de expansão e de crise, os primeiros associados à liderança material dos processos de acumulação e os últimos à liderança financeira. Ele incluiu a fase imperialista da acumulação de capital nesses processos cíclicos. O núcleo fundador da TMD, a que pertencem também Vânia Bambirra e Orlando Caputo, jamais renunciou à leitura das bases materiais da liderança imperialista e tendeu interpretar a financeirização da globalização neoliberal como produto da crise estrutural do modo de produção capitalista e dos fenômenos cíclicos descritos por Arrighi, principalmente por meio de Theotonio dos Santos.

Ao analisar as estruturas de classes na América Latina, a TMD destacou que as frações mais dinâmicas da burguesia dependente alcançavam internamente dimensões monopólicas e lucros extraordinários se vinculando à tecnologia e ao crédito estrangeiros, ao mercado internacional e ao mercado interno de bens de consumo suntuários – onde o capital estrangeiro assumiu papel de destaque, através de suas filiais, liderando os processos de industrialização, por vezes, em associação com as burguesias locais. Instituiu-se um padrão de acumulação subordinado ao mais-valor extraordinário, sob o protagonismo de monopólios internacionais e internos, que implicou em dupla transferência de mais-valor: atinge negativamente as frações mais dinâmicas do grande capital, situadas abaixo das condições médias de produção internacionais, e aquelas em posição inferior às condições médias internas. Para além da apropriação de mais-valor estabelecida pela redução do valor do produto individual em relação ao valor social, Marini assinalou que a tecnologia economiza força de trabalho e disponibiliza demanda para a realização da produção de bens de consumo suntuário, determinando a deterioração dos termos da troca que se impõe sobre a economia exportadora latino-americana, intensiva em produtos primários, e sobre os

seus segmentos de menor intensidade de capital. As transferências de mais-valor se efetivam também por remessas de lucro e transações intrafirma entre filiais e matriz das corporações transnacionais e por pagamentos de juros e amortizações ao capital financeiro internacional. Para ultrapassar essas limitações sobre as taxas de mais-valor e de lucro as burguesias dependentes estabelecem como pilar da acumulação a superexploração dos trabalhadores, que é uma espécie de mais-valor extraordinário espúrio: ao invés de se assentar na elevação da produtividade, se fundamenta na queda dos preços da força de trabalho por debaixo de seu valor, mediante a regressão salarial, extensão da jornada de trabalho e aumento da intensidade do trabalho. A obra matricial para definir o conceito de superexploração do trabalho é *Dialética da dependência* (1973), de Ruy Mauro Marini.

Outro tema analisado por Ruy Mauro Marini é o do subimperialismo. O subimperialismo representa a entrada dos países dependentes no estágio do capital financeiro e de composição intermedia do capital, articulando capital bancário e capital industrial, o que se chocaria com os limites do mercado interno estabelecidos pela superexploração, impulsionando a busca pelo comércio exterior dirigida aos países periféricos e ao entorno regional, bem como, neles, de fontes de matérias-primas e investimentos. Um forte limite para o desenvolvimento do subimperialismo é a expansão do imperialismo, que restringe o seu raio de ação. O subimperialismo poderá se vincular ainda a projetos geopolíticos próprios que buscam distender e tensionar os limites da dependência, exercer certo nível de liderança regional, aprofundar assimetrias, e avançar no grau de domínio sobre tecnologias de bens capital e de uso militar.

A superexploração do trabalho limitaria relativamente a capacidade interna de desenvolvimento de forças produtivas e seria a base da reprodução ampliada da dependência. Ela estabeleceria ainda um cenário propenso a instabilidades e crises políticas, colocando a democracia liberal em risco, uma vez alcançado certo grau de organização dos trabalhadores. As alternativas do Estado capitalista dependente seriam as de romper com a democracia e estabelecer ditaduras ou impor altos níveis de desem-

prego para que a lei do valor pressione os preços da força de trabalho para debaixo do seu valor. Essas alternativas poderiam se conjugar. Isso levou Theotonio dos Santos a reivindicar o conceito de fascismo dependente para analisar as ditaduras militares do grande capital impostas nos anos 1960, 70 e 80 na região. Para o autor, a essência do fascismo é constituir-se como ditadura do grande capital, sendo o movimento de massas um aspecto contingencial, necessário durante o processo de ascensão do fascismo, mas posteriormente secundário, estando claramente subordinado à hierarquia estatal. Nos países dependentes, a maior fragilidade do movimento de massas, não deveria afastar o conceito. O fascismo tem por objetivo substituir o regime político liberal por um regime de exceção permanente, tolerando que o sistema representativo sobreviva apenas de forma retórica e sem substância. O autor destacou, entretanto, as contradições do fascismo para a própria dominação burguesa, indicando os possíveis conflitos para o padrão de acumulação entre o monopólio político exercido por uma tecnoburocracia militar nacional e as frações estrangeiras e associadas do grande capital, que são as mais dinâmicas em situações de dependência.

A partir dos anos 1990, Theotonio dos Santos e Ruy Mauro Marini realizaram um balanço de suas contribuições à luz das transformações trazidas pela globalização neoliberal. Theotonio acentuou a revisão da teoria do imperialismo pela TMD, propondo-a como a primeira etapa de elaboração de uma teoria marxista do sistema-mundo. Isso a colocou em diálogo com as análises do sistema-mundo desenvolvidas por Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein e por André Gunder Frank. O ponto de partida analítico não era apenas a economia mundial capitalista, mas sobretudo um sistema mundial da qual aquela era um elemento constitutivo, dirigido por poderes hegemônicos limitados por uma arquitetura política interestatal. Theotonio trouxe para o enfoque do sistema-mundo os conceitos de revolução científico-técnica e de ciclos de Kondratieff, ampliando o seus recursos teórico-metodológicos e introduzindo a base analítica para pensar a transição do sistema-mundo capitalista para outro sistema no século XXI. A TMD desdobrou-se para a geopolítica interpretando polarizações

contemporâneas e postulando desenhos de integração regional e de articulação do Sul global. Ruy Mauro Marini defendeu que a superexploração se estende aos países centrais com a reestruturação da divisão internacional trabalho provocada pela globalização capitalista. A produção industrial na periferia vincula-se a vantagens locacionais, dirige-se ao mercado mundial e passa a regular o salário dos trabalhadores dos países centrais acentuando as desigualdades. O autor destacou que a desindustrialização e financeirização do Estado brasileiro, impulsionadas pelo neoliberalismo, eram limitações significativas ao projeto subimperialista.

Um balanço da TMD permite destacar alguns aspectos:

- a) A fórmula do desenvolvimento do subdesenvolvimento que sustentou, criticada pelos desenvolvimentismos de diversos matizes, incluindo a versão da dependência de Fernando Henrique Cardoso, revelou grande precisão histórica. FHC, como intelectual, colocou no centro de suas análises o desenvolvimento, mas o período industrialista foi curto, não rompeu com a dependência tecnológica e financeira e se extinguiu no fim dos anos 1970. O caso brasileiro é o exemplo por excelência. Ele mesmo, como político, articulou internamente o giro ao neoliberalismo e desmontou as pretensões desenvolvimentistas que, subordinadas ao projeto de acumulação da burguesia dependente, nunca foram o seu eixo, entrando em contradição com a expectativa de futuridade que sustentou em suas obras clássicas. Modelo do pensamento desenvolvimentista na América Latina, o Estado brasileiro impulsionou um dos padrões de financeirização e desindustrialização mais agressivos no mundo, iniciado nos anos 1980, mas consolidado a partir dos anos 1990. Destruíu grande parte do movimento sindical, restringiu o proletariado de serviços, subordinou o gasto público à austeridade fiscal e fortaleceu o controle do Estado pelo capital financeiro fictício, agronegócio, monopólio midiático e militares, restringindo as ameaças políticas;
- b) A superexploração dos trabalhadores se evidencia em dramáticos níveis de desigualdade, altas taxas de pobreza,

baixos salário reais, na maior extensão e intensificação da jornada de trabalho, precarização do emprego e destruição de direitos sociais. O conceito formulado por Marini, todavia, deve tomar como valor da força de trabalho, aquele determinado pelas condições médias de produtividade da economia mundial, que em condições monopólicas se aproxima do estabelecido pelos capitais de composição orgânica superior. Este desenvolvimento do conceito, atende às premissas metodológicas da TMD, e torna-se fundamental para evitar confusões, como o vínculo obrigatório com a pauperização crescente, que lhe são atribuídas para enfraquecê-lo;

- c) A fragilidade democrática do capitalismo dependente e as tentações fascistas a que dá lugar se confirmam nos golpes de Estado e na crise da democracia liberal na América Latina no século XXI, esgotada a conjuntura econômica internacional favorável para a região. Fascismo e neoliberalismo são dois vetores de controle dos movimentos sociais e políticos e tendem a se combinar. Na ditadura militar do grande capital implementada em 1964, os segmentos visceralmente refratários à redemocratização eram ligados à liderança neoliberal e pró-estadunidense de Silvío Frota. Jair Bolsonaro representa a sua continuidade. Essa vinculação também se estabelece na Argentina no golpe militar de Onganía de 1966-70, no de 1976 e no governo Milei, que busca suprimir as liberdades sociais e políticas para impor o sistema de preços, dimensão do fascismo apontada por Karl Polanyi. No Chile, o legado de Pinochet reapareceu na candidatura de José Antônio Kast;
- d) As questões da dependência não podem ser separadas do sistema-mundo. Se a TMD contribuiu para a reelaboração das teorias do imperialismo, deve avançar rumo à construção de uma teoria marxista do sistema mundial capitalista. Ela não é uma teoria encerrada, mas parte de um processo histórico, vivo e global de construção.

Para isso deve articular os conceitos de modo de produção capitalista, revolução científico-técnica, moderno sistema mundial, ciclos sistêmicos, padrões de acumulação, ciclos de Kondratieff e ciclos de capitais estrangeiros na periferia. Nessa trajetória, desdobra-se na construção de uma teoria geopolítica marxista, destacando as grandes polarizações mundiais contemporâneas e relação entre as dimensões geográficas das forças internacionais, as classes e seus sistemas de poder. Deve indicar as conexões estruturais entre os poderes ultramarinos e a civilização do capital, de um lado, e entre os poderes anfíbios, as grandes massas territoriais e demográficas que supõem, e novas formas de articulação entre forças políticas, sociais e econômicas, de outro. Isso permitirá introduzir elementos teóricos-chaves para analisar o papel estratégico que os BRICS e o Sul Global podem cumprir no mundo contemporâneo, sem cair no determinismo e prescindir da mediação do sujeito histórico na articulação das múltiplas dimensões da realidade;

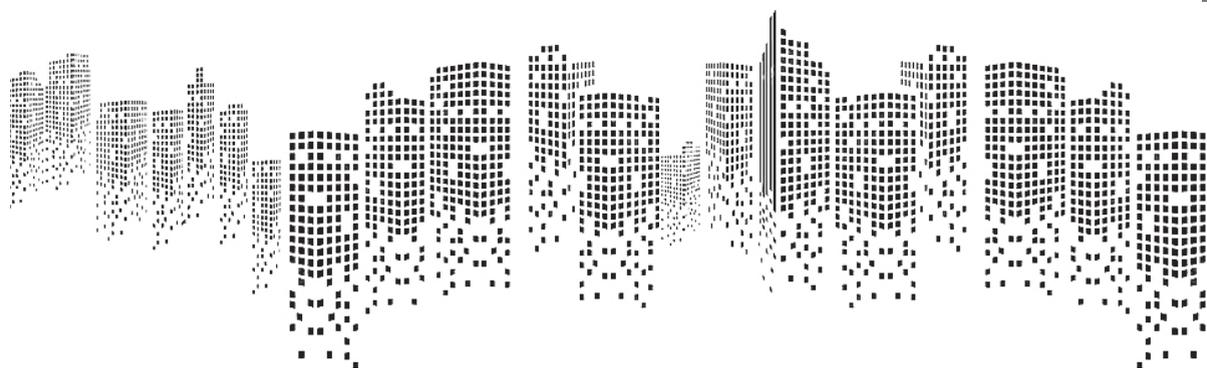
- e) A luta contra o capitalismo dependente deve articular as lutas pelo socialismo e anti-imperialistas às lutas contra o racismo, o colonialismo cultural e o patriarcado. O proletariado deve construir sua unidade política e ideológica sobre uma totalidade muito mais complexa e diversificada, contemplando a emancipação da mulher, de povos e etnias oprimidas e as pautas LGBTQIA+. Deve articular, do mesmo modo, como é defendido nesta obra, as lutas sociais que se dão em torno da reforma urbana e do direito à cidade.

Essas temáticas têm sido abordadas pelas diversas gerações que tomam as obras dos fundadores de forma criativa para tensionar e ultrapassar seus limites ou desenvolver suas implicações. A revista *Reoriente: estudos sobre marxismo, dependência e sistemas-mundo*, que dirigimos, é um dos espaços que busca somar e contribuir às diversas reflexões críticas sobre o nosso tempo. Ruy Mauro Marini, em seu livro *Democracia e integração na Amé-*

rica Latina (1992), apontou três grandes inflexões históricas nas quais se desenvolveu e formulou a TMD. A primeira, nos anos 1920-30, quando das lutas anti-imperialistas na América Latina, a TMD se insinua na obra de autores como José Carlos Mariátegui que rompe o eurocentrismo e a visão linear e universal de capitalismo, afirmando as especificidades latino-americanas, e um caminho próprio para o socialismo peruano. A segunda, nos anos 1960-70, quando surge a TMD propriamente dita, reconstruindo a teoria do imperialismo e descartando a reformulação da dependência pela via do desenvolvimento industrial como solução para os problemas do subdesenvolvimento, das desigualdades, da pobreza e da fragilidade e instabilidade da democracia. A terceira, a partir dos anos 1990, quando a globalização neoliberal impulsiona a mundialização da lei do valor, estendendo a superexploração para as potências ocidentais, promovendo o parasitismo, a financeirização e o declínio produtivo dos velhos centros imperialistas, e a desindustrialização de parte de sua periferia dependente, enquanto países selecionados se tornam plataformas de deslocalização produtiva, como o México, sem alterar sua condição dependente. A quarta etapa que começamos a vivenciar é do caos sistêmico, empate catastrófico e da incapacidade de o imperialismo informal estadunidense produzir e estabilizar a ordem mundial.

Assim, imensos desafios e oportunidades se colocam para os povos latino-americanos em um mundo onde o centro político e a democracia liberal perdem força dramaticamente, abrindo espaço para o acirramento dos conflitos sociais, guerras, contrarrevoluções e revoluções. Tudo isso, enfim, repercute na vida urbana, crescentemente orientada pela combinação entre a superexploração do trabalho e a deterioração das condições de reprodução social nas cidades, sobretudo nas metrópoles. Daí porque é muito bem-vindo um livro como este, que reúne diversos autores e autoras justamente para explorar a hipótese de que os processos de urbanização, em países como o Brasil e os latino-americanos em geral, estão cada vez mais determinados por sua posição dependente e subordinada no sistema-mundo.





## Dependência e ordem urbana no século XXI: em busca de um marco teórico

LUIZ CESAR DE QUEIROZ RIBEIRO  
NELSON DINIZ

O projeto que deu origem a esta obra orientou-se por uma perspectiva abrangente de interpretação dos nexos entre as características do capitalismo contemporâneo, o funcionamento do Estado e as mudanças de qualidade nos fenômenos urbanos diante dos atuais padrões de desenvolvimento capitalista dependente. O que se buscava, mais precisamente, era identificar e problematizar as características que a ordem urbana contemporânea assume na periferia do capitalismo, interessando, principalmente, o que se passa no Brasil, ainda que também se encontrem, aqui, referências a outros casos latino-americanos.

O conceito de ordem urbana (ou mesmo de ordem urbano-regional) utilizado nesta obra está em sintonia com elaborações anteriores (Ribeiro 2013; 2015; 2018). E essa utilização foi feita com o seguinte objetivo geral: analisar as características, processos e dinâmicas da formação social-urbana em suas conexões com os atributos econômicos e políticos que estruturaram, nos sucessivos períodos históricos, o desenvolvimento do capitalismo na periferia.

Ao mobilizar esse conceito, pretendemos superar as concepções puramente morfológicas, idiossincráticas e, no limite, fenomenológicas traduzidas em expressões tais como “problemas urbanos”. A referência clássica é dada por Francisco de Oliveira (1978),

para quem as dinâmicas urbanas não devem ser reduzidas à “fenomenologia em que se compraz a tecnocracia buscando solucionar o irremediável, exatamente porque só vê a aparência”. Quando se trata dessas dinâmicas e problemas, o autor defende a necessidade de considerar que, “por baixo, à maneira dos rios subterrâneos, corre uma articulação global, que confere unidade ao todo” (p. 68). Ao longo do projeto que deu origem a esta coletânea, sustentamos que o conceito de ordem urbana abre caminho, justamente, para uma explicação abrangente e totalizante da “articulação global” e/ou da “unidade” que fundamenta os atuais padrões de urbanização na periferia do capitalismo, particularmente no Brasil.

Mas, afinal de contas, por que buscar explicações mais abrangentes e totalizantes da urbanização contemporânea em países como o Brasil e os latino-americanos em geral? O que define as particularidades desses países enquanto formações econômico-sociais capitalistas, assim como de suas ordens urbanas, e os torna um objeto tão particular de reflexão?

Apresentamos, a seguir, nossa maneira de responder a essas questões, o que, no fundo, corresponde às justificativas do projeto que resultou na publicação desta coletânea.

## Superar o globalismo teórico retomando o debate sobre a urbanização dependente

No que tange à primeira questão, defendemos que é urgente superar os modos de pensamento identificados com o que se poderia chamar de “globalismo teórico”. Trata-se de um conjunto de perspectivas bastante difundidas nas análises da urbanização brasileira e latino-americana. Perspectivas cujo traço fundamental é compreender essas transformações como efeitos diretos e mecânicos das modificações do capitalismo global, o que conduz a dois grandes equívocos:

- i) A importação, sem as devidas mediações, de conceitos e teorias elaborados com base na experiência urbana e regional dos países centrais, sobretudo dos Estados Unidos e dos países da Europa; e